

Reconectado! Mas e agora?

Ao longo do Módulo I – Fundamentos pudemos ir até as Escrituras e descobrir ali as respostas mais básicas para a existência: Quem somos? Seres criados por Deus! Quem é Deus? O Ser Trino, Eterno e amoroso que nos criou semelhantes a Ele e para um relacionamento com Ele. O que deu errado? Abandonamos o plano original em um ato de rebelião contra o Criador. E o que isso causou? Nosso afastamento do Eterno, a deterioração de nossos relacionamentos e do próprio ser humano. Então tudo está perdido? Não, pois o Pai concebeu um plano ousado para nos levar para casa. Como? Colocando nossa condenação sobre Jesus e nos dando a justiça e a vida de Jesus na cruz do Calvário. E qual o resultado desse plano? Fomos reconectados ao Deus Trino, salvos em Cristo.

É dessa forma que a fé cristã nos dá uma compreensão sobre a realidade total que nos cerca, fornecendo respostas para as perguntas fundamentais da existência.¹ Contudo, assim que compreendemos e abraçamos o Evangelho, precisamos responder uma pergunta crucial: e agora? A vida cristã em grande parte é moldada pela maneira como respondemos a essa pergunta. Se vemos a salvação como um passaporte para podermos morrer bem, ou seja, como uma linha de chegada, então é como se passássemos por essa linha e disséssemos: “Ufa, agora já posso ir viver a minha vida”. Contudo, esse entendimento é equivocado em tudo, tanto no fato de que nossa salvação não é fruto da nossa corrida quanto pelo fato de dar a entender que a salvação é uma resposta ao problema da morte seguida de condenação e apenas isso.

Francis Schaeffer, em um discurso na Universidade de Notre Dame em 1981 afirmou que “o cristianismo não é uma série de verdades no plural, mas é a Verdade escrita com ‘V’ maiúsculo. É a Verdade sobre a realidade total, não apenas sobre assuntos religiosos”.² Isso quer dizer que a fé cristã não é apenas uma resposta a questão “como morrer?”, mas é essencialmente uma resposta a questão “como viver?”. Nos termos de Albert Wolters “Redenção é recriação”,³ é viver uma nova vida, uma nova existência, é viver conforme o plano original do Criador para o homem.

Essas correções no leme nos ajudam a encontrar a direção. Fui reconectado, e agora? Primeiramente, relembremos a verdade essencial da fé cristã de que fomos salvos para experimentar aquilo que tínhamos no início e que perdemos: um relacionamento pessoal, amoroso, profundo e transformador com o Pai por meio do Filho no Espírito Santo. É para experimentarmos esse relacionamento pessoal com a Trindade que fomos salvos. É portanto, crucial compreendermos que saber sobre Deus e nos relacionarmos com Ele não são a mesma coisa! Como afirma Eugene Peterson “a oração [...] não é uma linguagem sobre Deus ou a fé; não é uma linguagem a serviço de Deus e da fé; é a linguagem para e com Deus em fé”.⁴ Peterson nos lembra como é importante fazermos a transição do “falar sobre Deus” para o “falar com Deus”.⁵ Fomos reconectados para um relacionamento profundo com o Trino Criador.

Fui reconectado, e agora? Em segundo lugar, fui reconectado para experimentar relacionamentos transformados pela graça com as pessoas a minha volta, de maneira que eu possa servi-las e amá-las. Fui reconectado para experimentar com as pessoas a minha o mesmo tipo de relacionamento que os primeiros pais experimentaram no Éden: uma comunhão íntima, profunda e verdadeira construída sobre o amor, o serviço e a aceitação. Cornelius Plantinga utilizar uma metáfora incrível para nos esclarecer: “Como raios de uma roda, o único lugar em que [as] pessoas se encaixam conjuntamente é no tambor da roda, que está no centro. De certa maneira, todos devem se ‘encaixar’ em Cristo”.⁶ Contudo, só conseguiremos ter Cristo no centro de nossos relacionamentos e amar as pessoas se conseguirmos aflorar em nossos relacionamentos o que o Apóstolo Paulo chamou de “Fruto do Espírito” (Gálatas 6.22,23): uma vida cheia de atitudes e irrigada de compaixão pela vida de nosso irmão, a vida de Cristo vivendo em nós de maneira madura e íntegra.

Fui reconectado, e agora? Em terceiro lugar fui reconectado para que possa ser um servo de Cristo diante da comunidade cristã, servindo meus irmãos com meus dons e talentos a fim de edificar o corpo de Cristo, e ser uma testemunha de Cristo diante de não cristãos, de maneira que através da minha vida, do serviço e da Mensagem vivendo em mim e através de mim essas pessoas tenham a oportunidade de conhecer o amor de Jesus por suas vidas.

¹ PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta*. São Paulo: CPAD, 2012, p.28

² PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta*. São Paulo: CPAD, 2012, p.5

³ WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p.22

⁴ PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.108

⁵ PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.108

⁶ PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.91

A pergunta que cabe nesse momento é: como? Como conseguirei viver de maneira a expressar esses propósitos para os quais fui reconectado por meio de Cristo?

Formação Espiritual

É importante lembrar um conceito crucial neste ponto: todo aquele que nasce em Jesus (João 3) precisa agora crescer em Jesus. Este processo se chama santificação, por meio do qual o Espírito trabalha conosco em um esforço sinérgico para nos transformar dia a dia em pessoas mais parecidas com Jesus! Por uma perspectiva fomos justificados em Cristo e nele somos perfeitamente justos diante de Deus Pai, mas por outra as Escrituras nos convocam a assumir a vida de Jesus para sermos como Ele. Em um dado sentido, santificação é quando caminhamos para nos tornarmos aquilo que já somos em Cristo.

A santificação implica amadurecimento. Paulo nos diz que devemos nos tornar “adultos plenamente maduros, plenamente desenvolvidos, plenamente cheios de vida, como Cristo” (Ef 4.13 – A Mensagem). Essa maturidade de sermos como Cristo por sua vez implica em nos tornarmos a cada dia discípulos que permitem que o Espírito molde nossa maneira de pensar, de sentir e agir a luz de Cristo. E como podemos abrir espaço para que o Espírito Santo nos transforme em pessoas que pensam, sentem e agem como Cristo?

A resposta está na Formação Espiritual, a qual Dallas Willard define com uma singular beleza: “O lugar espiritual em nosso interior, de onde vêm nossas perspectivas, escolhas e ações, foi formado por um mundo distanciado de Deus. Agora [que fomos reconectados]⁷ ele precisa ser transformado [...] Assim com a dimensão espiritual foi formada, ela também pode ser transformada”.⁸ Willard deixa claro que a formação espiritual é na verdade transformação espiritual,⁹ ou seja, um caminho para sermos transformados pelo Espírito a ponto de pensarmos, sentirmos e agirmos como Jesus. O alvo, o fim, é nos tornarmos mais parecidos com Jesus em nosso pensar, sentir e agir. O meio, o caminho, é a formação espiritual.

Só assim conseguiremos experimentar um relacionamento profundo e amoroso com o Pai por meio do Filho no Espírito: se formos transformados dia após dia pelo seu amor a ponto de aprendermos como amá-lo também com a nossa vida. Só assim conseguiremos experimentar relacionamentos horizontais curados, transformados, cheios de amor e aceitação: se formos transformados dia após dia de tal maneira que possamos dar as pessoas o amor que temos recebido, exibindo um caráter igual ao de Cristo, perdendo-as com o perdão de Cristo, servindo humildemente como o próprio Jesus faria. Só assim conseguiremos descobrir nossos dons e talentos e colocá-los a serviço da comunidade cristã bem como servir e amar o não cristão: se formos transformados dia após dia de tal maneira que possamos amar as pessoas que pensam diferentemente de nós a ponto de servi-las no e com o Evangelho.

Cabe ressaltar que embora a nossa salvação seja uma obra pronta e acabada em Cristo, na santificação – ou formação espiritual – somos chamados a cooperar com o Espírito de Deus. Isso quer dizer que há algo que podemos e devemos fazer na formação espiritual. Mas o que é que devemos fazer? Obviamente não podemos transformar a nós mesmos, mas “Deus concedeu-nos as disciplinas da vida espiritual como um meio de recebermos sua graça. As disciplinas permitem que nos apresentemos diante de Deus, a fim de que ele possa nos transformar”.¹⁰

Logo, no centro da formação espiritual está a ação do Espírito e as disciplinas espirituais baseadas nos meios de graça, que são “canais ordinários de graça, isto é, da influência sobrenatural do Espírito Santo sobre as almas dos homens. Os meios de graça, conforme os padrões da igreja, são a Palavra, os Sacramentos e a oração”.¹¹ O conceito de “disciplina” vem da ideia de nos aplicarmos regularmente nos meios de graça. Como destaca Bonhoeffer, “isso não tem nada a ver com legalismo, isso é disciplina e fidelidade”.¹²

Quando esses conceitos se unem conseguimos compreender com clareza o que está sendo proposto: os meios de graça são canais que o Eterno preparou para nós nos alimentarmos de sua graça e assim sermos transformados espiritualmente pela ação do Espírito Santo – formação espiritual. As disciplinas espirituais são o plano de ação, são o nosso ato de beber dos meios de graça de forma consciente e livre, são a nossa atitude de nos apropriarmos dos canais de graça com regularidade, de maneira aplicada e diligente.

Não podemos perder de vista a relação correta entre os fins e os meios. O fim supremo é experimentar os relacionamentos para os quais fomos salvos – com o Deus Trino, com o outro, comigo mesmo, com a criação – enquanto a formação espiritual e as disciplinas espirituais são meios. “Resumindo, as disciplinas nos fazem cidadãos de primeira linha do reino, por que elas nos ajudam a nos tornarmos mais fortes e profundos”.¹³

⁷ Adição do autor.

⁸ WILLARD, Dallas. *A Renovação do Coração*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p.16

⁹ WILLARD, Dallas. *A Renovação do Coração*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p.25

¹⁰ FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Ed. Vida, 2007, p.36

¹¹ HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.466

¹² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.67

¹³ PLANTINGA, Cornelius. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.126

A questão de mudar a ênfase do cognitivo para o experimental: da tradição catafática para a apofática.

Tradições catafática e apofática – teologia mística de McGrath

Saber e se relacionar não são a mesma coisa.

Saber para relacionar, relacionar para conhecer em um ciclo ascendente

Oração catafática e apofática (p.98)

Félix-Alejandro Pastor.

"Toda linguagem religiosa traz em si o paradoxo insuperável de pretender falar de um Deus, do qual é necessário proclamar a impossibilidade de se dizer qualquer coisa adequadamente. Por isso, a linguagem crente deve conciliar, de maneira corretiva, silêncio apofático e proposta catafática, mística do divino mistério e afirmação da linguagem teológica. O Deus da fé é um Deus inefável. A forma linguística, limitada e finita, não consegue expressar o conteúdo absoluto, incondicionado e infinito da divina realidade, noeticamente incompreensível, ontologicamente transcendente, pessoalmente inaferrável em sua liberdade, Toda afirmação de Deus é, pois paradoxal, dialética, simbólica, ao dizer, em formas humanas, o conteúdo da divina mensagem e do divino mistério".